João Rodolfo Munhoz Ohara
Wagner Geminiano dos Santos
(organizadores)

40 ANOS da Revista Brasileira de História

A HISTORIOGRAFIA EM REVISTA

EDITORA MILFONTES

40 anos da Revista Brasileira de História

Copyright © 2021, João Rodolfo Munhoz Ohara & Wagner Geminiano dos Santos (org.).
Copyright © 2021, Editora Milfontes.
Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.
Compra direta e fale conosco: https://editoramilfontes.com.br
editor@editoramilfontes.com.br
Brasil

Editora Milfontes Ltda
Editor Chefe - Bruno César Nascimento
Conselho Editorial
Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU) - Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP) Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS) - Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG) Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS) - Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto) - Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP) - Prof. Dr. Hans Urich Gumbrecht (Stanford University) - Profª. Drª. Helena Miranda Mollo (UFOP) - Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES) - Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES) -Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS) - Profª. Drª. Karina Anhezini (UNESP - Franca) - Profª. Drª. Maria Beatriz Nader (UFES) - Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP) - Profª. Drª. Rebeca Gontijo (UFRRJ) - Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR) - Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) - Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo (UFOP) - Profª. Drª Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires)

ANPUH - Associação Nacional de História - Diretoria Biênio 2019-2021:
Presidente - Márcia Maria Menendes Motta (UFF)
Vice-Presidente - Tito Barros Leal de Pontes Medeiros (UVA)
Secretário-geral - Benito Bisso Schmidt (UFRGS)
1ª Secretária - Mariana Esteves de Oliveira (UFMS)
2º Secretário - Mauro Cezar Coelho (UFPA)
1ª Tesoureira - Carla Silvino de Oliveira (UFPI)
2º Tesoureiro - Adalberto Júnior Ferreira Paz (UNIFAP)

Revista Brasileira de História:
Editor - Valdei Lopes de Araujo (UFOP)
Conselho Editorial:
Beatriz Gallotti Mamigonian (UFSC) - Carlos Leandro da Silva Esteve (UFPA) - Carmen Margarida Oliveira Alveal (UFRN) - Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS) - Marcos Nestor Stein (UNIOESTE) - Mariana Albuquerque Dantas (UFRPE) - Nivia da Conceição Pombo (UERJ) - Helena Papa (UNIMONTES) - Ricardo Henrique Salles (UNIRIO) - Rodrigo Peres (UFBA) - Ronaldo Vainfas (UFF) - Sidney da Silva Lobato (UNIFAP) - Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP) - Wagner Geminiano dos Santos (Redes Municipais de Ensino de PE) - Wilma Peres Costa (UNIFESP)

Revista História Hoje:
Editor - Renilson Rosa Ribeiro (UFMT)
Conselho Editorial:
Anderson Ribeiro Oliva (UnB) - Darlan de Oliveira Reis Junior (URCA) - Flávia Eloisa Caimi (UPF) - Juliana Alves Andrade (UFRPE) - Juliana Ricarte Ferraro (UFT) - Kátia Maria Abud (USP) - Luís César Castrillon Mendes (UFGD) - Margarida Maria Dias Oliveira (UFRN) - Monica Martins da Silva (UFSC) - Osvaldo Mariotto Cerezer (UNEMAT) - Ricardo Figueiredo de Castro (UFRJ) - Ronaldo Cardoso Alves (Unesp-Assis) - Selva Guimarães (UFU) - Tiago da Silva Cesar (UNICAP) - Wesley Garcia Ribeiro Silva (UFPA)

João Rodolfo Munhoz Ohara
Wagner Geminiano dos Santos
(*Organizadores*)

40 Anos
da Revista Brasileira de História

A historiografia em revista

Editora Milfontes
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão
De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa
Imagem da capa:
Autor: *não citado, logo, tenho declarado que não existe intenção de violação de propriedade intelectual*
Semíramis Aguiar de Oliveira Louzada - *aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração
Lucas Bispo Fiorezi

Impressão e Acabamento
Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R454 40 anos da Revista Brasileira de História: a historiografia em revista. João Rodolfo Munhoz Ohara & Wagner Geminiano dos Santos (org.)
Vitória: Editora Milfontes, 2021.
364 p.: 23 cm.

ISBN: 978-65-86207-78-1

1. RBH 2. ANPUH 3. Historiografia I. Ohara, João Rodolfo Munhoz II. Santos, Wagner Geminiano dos III. Título.

CDD 901.02

Sumário

Prefácio 7

Apresentação 13

Parte I
Reflexões e experiências

Memória e Arquivamento. Apontamentos para a história da Revista Brasileira de História e da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil) 23
Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Caminhos percorridos 39
Raquel Glezer

Constelações de Histórias: a RBH e o universo do conhecimento 51
Regina Horta Duarte

Parte II
Um lugar social

Para além de uma História única. A RBH, a ANPUH e o processo de profissionalização da historiografia brasileira (1950-1980) 69
Diego José Fernandes Freire

Associações e periódicos científicos. A RBH e a revista da SBPH 95
Bruna Silva

Parte III
Tendências Historiográficas

Os primeiros 20 anos da Revista Brasileira de História. Preferências e preterições historiográficas 127
Ricardo Marques de Mello

Tendências e transformações de uma Operação Historiográfica. E. P. Thompson e M. Foucault nos artigos da RBH 171
Igor Guedes Ramos

A historiografia brasileira da escravidão e a Revista Brasileira de História (1980-1989) 200
Roberto Manoel Andreoni Adolfo

Parte IV
Ensino de História

Ensino de história na Revista Brasileira de História 222
Itamar Freitas & Margarida Dias

Saber histórico, educação e neoliberalismo nas páginas da Revista Brasileira de História relatos de uma polêmica256
Luiz Carlos Bento

Parte V
Personagens e trajetórias

Eurípedes Simões de Paula. Para além da herança dos Annales no Brasil 284
Aryana Lima Costa

Cecília Westphalen na ANPUH (1961-1981): sobre modos de significar o ofício de historiadora universitária no Brasil 304
Daiane Machado

Tramas em associação e revista: a atuação de Alice Piffer Canabrava na APUH/ANPUH e nos primeiros tempos da RBH 330
Otávio Erberelli Júnior

Sobre os autores 358

Prefácio

Periódicos científicos: os novos lugares da história

Ao completar quatro décadas de existência, a Revista Brasileira de História está em grande forma. Diferente do cenário de seu lançamento em 1981, em que pouquíssimas publicações similares dominavam a cena científica, hoje a RBH se destaca em um contexto povoado por centenas de periódicos voltados para a publicação de nossa rica e complexa historiografia profissional. Essa dispersão é sintoma do crescimento e democratização das condições para a pesquisa e o ensino de história no Brasil, mas também representa um grande desafio quando pensamos no impacto, qualidade e relevância desse conhecimento publicado.

Embora o livro autoral monográfico e as teses continuem a ser a porta de entrada na comunidade historiadora, cada vez mais a produção do conhecimento acadêmico acontece em um fluxo de conversação continuada entre os pares. Saímos do antigo escritório emoldurado pelas estantes de livros para as diversas plataformas on-line nas quais estão hoje as bibliotecas e hemerotecas, os arquivos, os programas de organização de referências, os editores de textos e planilhas em nuvem, e, também, as revistas acadêmicas. Seja nos computadores, tablets ou celulares, os lugares sociais das representações e apresentações de histórias são hoje mais plurais e democráticos.

Nessa conversação especializada, o intervalo entre a descoberta, a formulação e a publicação se encurtou. A depender da plataforma que o pesquisador elegeu para priorizar a sua

conversação, o tempo de latência entre a formulação e a publicação é próximo do tempo do pensamento, como se estivéssemos continuamente em uma mesa-redonda com um número grande de participantes. Explorar essas possibilidades de pensamento em rede e ainda assim garantir a integridade, confiabilidade e estabilidade do conhecimento academicamente produzido tem sido a maior missão dos periódicos científicos. É muito provável que ao ler esse texto um colega pesquisador tenha em sua lista de tarefas diárias a emissão de um ou mais pareceres acerca de um artigo acadêmico. Além disso, a adoção das pré-publicações, em plataformas formais ou informais, traz a realidade do pensamento em rede para o dia a dia da publicação científica.

Por isso, todos que estão hoje envolvidos com a produção científica se preocupam com os indicadores bibliométricos de citação como uma das formas de garantir e medir a qualidade e relevância do conhecimento publicado. A produção do conhecimento acadêmico depende muito da qualidade do diálogo entre os pares, se esse diálogo é comprometido pela dispersão e o desleixo na interlocução, ele está deixando de cumprir uma de suas funções vitais.

Não é a aceleração e democratização do acesso à publicação científica os fenômenos que podem levar a um enfraquecimento do valor social da ciência, mas a dispersão desse conhecimento na agitação de um tempo desorientado. Até hoje não temos uma melhor plataforma para transformar essa democratização em sentido compartilhado do que os periódicos científicos e as instituições de curadoria criadas para apoiá-los. Seria fruto do acaso que o atual governo federal brasileiro, que transformou a agitação e a desinformação em plataforma ideológica e política pública, seja o mesmo que aposta na destruição da rede nacional de periódicos científicos pelo seu desfinanciamento?

Ainda temos desafios em lidar com essa realidade da produção científica nas humanidades da era digital. Muitos colegas preferem ignorar essa produção científica diversa e dispersa - no sentido de não acontecer mais em torno apenas de grandes centros, autores

ou editoras consagradas - e seguem repetindo velhas fórmulas na recusa em responder crítico-criativamente ao novo cenário. Essa resistência explica, apenas em parte, o fato de termos indicadores de citação muito abaixo do número de acesso e de leitores de nossos periódicos.[1]

No tempo do livro impresso bastava um passeio pelas estantes para reencontrar seus interlocutores e fontes. A existência de uma biblioteca vasta, vaidosa e privada era condição quase incontornável da vida letrada. Na era do texto digital e da publicação em fluxo, sem o uso de programas e aplicativos, a exemplo do Mendeley, Zotero, Citavi, dentre outros, para organizar a crescente bibliografia e padronizar referências, corremos o risco de produzir um conhecimento empobrecido e provinciano. Para avançarmos em uma cultura da citação e do diálogo que dê sentido à crescente e cada vez mais democrática produção bibliográfica, precisamos incorporar de modo crítico e cotidiano as novas ferramentas digitais. Por enquanto, temos que admitir que citamos pouco e de modo assistemático, levando à perpetuação de uma situação subalterna e colonial, priorizando ainda a tradução e referência a nomes consolidados em sistemas acadêmicos europeus e norte-americanos. Claro que esse cenário pode ser muito diferente nas diversas especialidades que formam hoje uma disciplina nada homogênea como a historiografia profissional brasileira.

Um sistema de periódicos independente, academicamente relevante e socialmente enraizado deve estar no centro de nossas preocupações - e alvo das autoridades que temem pela legitimidade de seu poder. Em um tempo de notícias falsas, de governos *fakes*, de negacionismos lastreados em falsificações e na simulação das práticas científicas, defender os espaços de debate aberto e regulado é defender a democracia. Com exceção talvez das teses e dissertações, nenhum outro veículo de publicação é tão rigorosamente cuidado e verificado quanto um artigo em periódico científico.

1 Parte do que segue foi originalmente publicado em ARAUJO, Valdei L. de. Elogio aos periódicos científicos nas humanidades. Hist. Historiogr. v. 12, n. 31, set.-dez., ano 2019, p.10-15 - DOI: 10.15848/hh.v12i30.1572

Até que possa vir a público, qualquer artigo passa por quase duas dezenas de ações cujo único objetivo é verificar e aprimorar a qualidade e integridade do que será publicado. Essa jornada começa por uma primeira triagem na qual se verificam aspectos formais e indícios de eventual plágio; análise preliminar pelos editores executivos; distribuição a pelo menos dois pareceristas em sistema de duplo cego; nova análise dos editores e envio de considerações aos autores; retorno do texto modificado que será novamente conferido por pareceristas e editores; revisão e normalização de notas e referências; atribuição de identidade digital única (DOI); editoração; nova conferência; ajustes; leitura final dos autores, novos ajustes e, finalmente, a autorização de publicação. No caso de periódicos que estejam abrigados em plataformas como a Scielo, uma nova série de ações, que chega a demorar de 15 a 20 dias, será requerida até que um artigo possa ser lido pelos leitores e leitoras.

É preciso cuidar ainda para que a revista esteja indexada em diversas plataformas que ajudam na divulgação de seu conteúdo e na produção de métricas. Quando são repositórios, essas plataformas garantem a integridade e permanência desse conteúdo; afinal, não podemos admitir que esse patrimônio desapareça com a volatilidade do suporte digital. A presença em diversos repositórios é a maior garantia que podemos ter dessa permanência e integridade, mas é uma ação que exige esforço contínuo dos editores e de toda equipe editorial. Não é nossa intenção cansar o leitor com todos esses detalhes, mas em um momento em que a existência dessas revistas é colocada em risco, precisamos ampliar nossa consciência de seu lugar insubstituível.

O trabalho editorial não se encerra com a publicação dos artigos a cada número. É preciso fazer esse artigo chegar aos leitores, despertar sua curiosidade e apontar a relevância de cada texto. Entendemos que a função de um periódico científico na área de história não se esgota na comunicação científica, que deve servir de plataforma de mediação entre essa produção e a sociedade, e que, ao lado da relevância científica, a historiografia precisa sempre cuidar de sua relevância social e cultural.

A defesa dos periódicos passa também por uma reflexão mais ampla sobre o lugar que as coletâneas de artigos deveriam ter em nossa matriz de publicações científicas. Geralmente os processos curatoriais das coletâneas são mais fluidos, há maior risco de endogenia, menor certeza quanto à revisão por pares, ausência de serviços regulares de indexação dos artigos e, consequentemente, menor potencial de impacto e citação das contribuições individuais. Por outro lado, produzir uma coletânea é mais barato e rápido do que editar periódicos. Autores já consagrados acabam priorizando a publicação em coletâneas por essas facilidades, mas com isso retiram do sistema de periódicos artigos de maior amadurecimento, os quais poderiam ser ainda mais aprimorados pela cadeia editorial dos bons periódicos.

Ao mesmo tempo, poderíamos ter boas coletâneas que funcionassem como manuais ou introduções à literatura especializada, seja reeditando artigos seminais, seja produzindo material coligido para o ensino superior e básico ou mesmo em ações de história pública. As coletâneas poderiam ainda servir aos autores como veículos para reunir sua produção de artigos em periódicos, dando ao conjunto uma unidade autoral difícil de recuperar em seus contextos originais de publicação.

Reunir pesquisadores de alto nível, ao lado de importantes nomes que ajudaram a consolidar a Revista Brasileira de História, foi a melhor forma de comemorar seus 40 anos de serviços prestados à história do e no Brasil. O trabalho impecável de organização de dois jovens historiadores tornou esse gesto possível. Em nome da Anpuh-Brasil e dos conselhos da Revista Brasileira de História, registro aqui nosso agradecimento e reforço o convite aos leitores e leitoras a ler as contribuições reunidas neste volume e nos ajudar a projetar ainda mais longe a história de nossa principal revista.

Valdei Lopes de Araujo
Editor da RBH (2019-2021)
Mariana, 12 de julho de 2021

Apresentação

Nas últimas duas décadas, a história da historiografia tem se consolidado no Brasil como uma das áreas mais vigorosas e produtivas do saber histórico produzido no país. Um número crescente de pesquisas que se desdobram em artigos, dissertações, teses, livros e revistas especializadas tem surgido e circulado de forma consistente e cada vez mais qualificada entre os pares, gerando debates teóricos e metodológicos que tem ampliado consideravelmente os estudos sobre a escrita da história, os historiadores e as regras que constituem o seu ofício em diversos tempos e lugares. Nesse ínterim, têm ganhado destaque os estudos que abordam ou tomam as revistas científicas da área de História ou como objeto de estudo ou como *corpus* documental privilegiado para a pesquisa da historiografia produzida por dados grupos ou redes intelectuais, ou até mesmo como indício representativo da escrita da história para uma dada instituição, sociedade ou período. Para mencionar apenas um bom exemplo, a coletânea *As Revistas de História e as dinâmicas do campo historiográfico*, organizada por Cristiano Alencar Arrais e Julio Bentivoglio, ilustra esta pujança, ao reunir um conjunto de historiadores e textos que vêm realizando pesquisas com base em revistas de história.[1]

Em grande medida, é por estarmos inseridos neste fluxo de pesquisas e produções que propusemos a realização desta coletânea, mas também por considerar que, em 2021, a Revista Brasileira de História – RBH completa 40 anos de existência. Criada em 1981, no interior da ANPUH, durante a presidência de Alice Piffer Canabrava, a Revista nasceu para substituir os Anais dos Simpósios

1 Cf. ARRAIS, Cristiano Alencar; BENTIVOGLIO, Julio (org.). *As Revistas de História e as Dinâmicas do Campo Historiográfico*. Vitória: Editora Milfontes, 2017.

Nacionais de História e se colocar como espaço privilegiado para publicação, divulgação e circulação das pesquisas e produções dos associados da entidade. Ao longo dos anos, a Revista ganhou centralidade não só entre os associados, mas, sobretudo, entre os pesquisadores e historiadores dos diversos programas de pós-graduação em História existentes no país, servindo como lugar de formatação e ressonância das historiografias aí produzidas. A RBH ganhou corpo e fôlego, constituindo-se num dos principais espaços da geografia disciplinar da historiografia brasileira profissional, acadêmica.[2]

É, atualmente, sem sombra de dúvidas, uma das principais revistas da área no país. Neste sentido, faz-se por demais necessária não só a comemoração destes 40 anos, mas junto a ela um conjunto de eventos que reconheça a contribuição da RBH para o campo no Brasil. Desse modo, propusemos à Diretoria da ANPUH a produção de um livro comemorativo sobre a RBH e a ANPUH. Encontramos na produção recente diversas teses e dissertações que tomam como objeto a RBH, a ANPUH ou ambas. Neste volume, sob a nossa organização, convidamos alguns dos autores destes trabalhos a escreverem capítulos sobre variados aspectos e períodos da história da RBH, tomando por base as pesquisas que realizaram nos seus mestrados e/ou doutorados. Considerando o alcance e a dimensão atuais da Revista e da Associação, procuramos contemplar o quanto possível a diversidade regional e de gênero, de maneira que possamos ampliar o leque interpretativo com relação às suas trajetórias. Somados a estes autores e autoras, convidamos também três nomes que marcaram profundamente a história da RBH: Durval Muniz de Albuquerque, Regina Horta Duarte e Raquel Glezer. O resultado aqui apresentado é um volume que recusa um modelo de comemoração acrítica e opta por investir na potência da nossa capacidade, como historiadores e historiadoras de diversas inclinações teórico-metodológicas, de expor e dar sentido à complexidade dos fenômenos históricos. Assim, comemorar os 40 anos da RBH significa, para nós, uma oportunidade para nos

2 Cf. SANTOS, Wagner Geminiano dos. *A Invenção da Historiografia Brasileira Profissional*: geografia e memória disciplinar, disputas político-institucionais e debates epistemológicos acerca do saber histórico no Brasil. Vitória: Editora Milfontes, 2020.

debruçarmos sobre a sua trajetória sem renunciar ao rigor e à reflexividade que são tão característicos do nosso trabalho.

Desse modo, o presente volume está dividido em cinco partes: *Parte I – Memória, Parte II – Um Lugar Social, Parte III – Tendências Historiográficas, Parte IV – Ensino de História e Parte V – Personagens e Trajetórias*. Com esta divisão procuramos dar conta de mapear a operação historiográfica, no sentido de Michel de Certeau, que não só tornou possível a existência da RBH ao longo destes 40 anos de história, como também procurar pensar qual a contribuição que a revista vem dando para a escrita da história no Brasil, assim como apontar para quais caminhos ela se abre e que outras historiografias ainda pode ajudar a escrever e narrar.

A primeira é composta pelos textos de três personagens marcantes desta história que queremos explorar. O capítulo de abertura, "Memória e Arquivamento: apontamentos para a história da Revista Brasileira de História e da Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil)", é de autoria de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, que presidiu a ANPUH no biênio 2009-2011. É o único presidente da Associação a atuar em uma instituição de fora do centro-sul do país, e o primeiro do Nordeste, nos quase 60 anos de instituição. Seu texto busca dar conta desta experiência, refletindo sobre as relações que tornaram a sua presidência possível, e sobre como sua gestão pensou a RBH e o seu papel.

O segundo capítulo, de autoria de Raquel Glezer, tem por título "Caminhos Percorridos". Glezer é a historiadora que mais vezes assumiu a Secretaria Geral da ANPUH, além de ter sido presidente (1987-1989) e vice-presidente (2009-2011) da Associação. Foi neste último período que organizou o volume em comemoração aos 50 anos da ANPUH, reunindo capítulos importantes sobre as histórias das historiografias em diversos Estados brasileiros em que a Associação se fazia presente naquele momento.[3] Como indica o título, seu texto versa sobre os caminhos percorridos, sua trajetória e sua experiência à frente da ANPUH, com atenção especial para o período de fundação da RBH.

3 Cf. GLEZER, Raquel (org.). *Do Passado para o Futuro*: edição comemorativa dos 50 anos da ANPUH. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

Finalmente, o terceiro capítulo, "Constelações de Histórias: a RBH e o universo do conhecimento", é de autoria de Regina Horta Duarte, editora da RBH no biênio 2007-2009. Ela foi a responsável por promover mudanças substanciais na política editorial da RBH, como a adoção do parecer às cegas e de novos protocolos de indexação. Seu texto recupera parte da sua experiência de editoração à frente da RBH e reflete sobre o papel da revista para o campo, seu caráter democrático de acesso ao conhecimento e o incentivo à inovação.

A segunda parte do livro é composta por dois textos que se debruçam sobre os aspectos sociais e intelectuais atuantes na história da RBH. O primeiro capítulo, "Para Além de uma História Única: a RBH, a ANPUH e o processo de profissionalização da historiografia brasileira (1950-1980)", é de autoria de Diego José Fernandes Freire. Como indica a paráfrase do seu título, o texto traz um esforço de "contrahistória", contextualizando o processo de surgimento da Revista e a atuação da própria ANPUH em um horizonte mais amplo.

O texto seguinte, "Associações e Periódicos Científicos: a RBH e a Revista da SBPH", de Bruna Silva, discute o debate e a eventual cisão no interior da ANPUH, que se desdobra na criação da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). A autora procura, pensar a relação das duas entidades e a produção circulada tanto na RBH como na revista da SBPH, ajudando-nos a compreender melhor não somente as duas revistas, como as reconfigurações do campo disciplinar no período.

A terceira parte do livro traz três textos dedicados às dinâmicas internas à RBH. O seu capítulo de abertura é de autoria de Ricardo Marques de Mello e tem por título "Os Primeiros 20 Anos da Revista Brasileira de História: preferências e preterições historiográficas". No texto, o autor discute as principais tendências historiográficas veiculadas na RBH entre 1981 e 2000, munido de um exaustivo levantamento documental sobre as duas primeiras décadas de publicação e circulação da RBH. Melo apresenta um panorama geral da produção historiadora nela publicada ao longo dos anos de

1980 e 1990, chamando nossa atenção para as principais temáticas, os recortes espaciais e temporais mais estudados, além de apontar para uma geopolítica constitutiva não só da RBH e da ANPUH, como da pesquisa histórica no Brasil de maneira mais ampla.

A seguir, Igor Guedes Ramos nos apresenta o texto "Tendências e Transformações de uma Operação Historiográfica: E. P. Thompson e M. Foucault nos artigos da RBH", em que se debruça sobre a recepção de Michel Foucault e E. P. Thompson na historiografia brasileira a partir dos artigos publicados na Revista Brasileira de História. Seu amplo levantamento contempla os 40 anos da Revista e apresenta elementos interessantes para pensarmos os fluxos e as apropriações de autores canônicos na nossa historiografia.

Finalmente, em "A Historiografia Brasileira da Escravidão e a Revista Brasileira de História (1980-1989", Roberto Manoel Andreoni Adolfo procura estabelecer a história da historiografia brasileira da escravidão nos anos de 1980 tomando por base os textos publicados na RBH. O autor investiga as maneiras pelas quais a área foi configurada e pensada pelos historiadores brasileiros que publicaram na revista aos logo dos anos de 1980, estratégias que tornaram a área uma das maiores vitrines da renovação historiográfica pela qual passava a historiografia brasileira do período.

A quarta parte do livro conta com dois textos dedicados à questão do ensino de história nas páginas da RBH. Em "Ensino de História na Revista Brasileira de História", Margarida Dias de Oliveira e Itamar Freitas discutem as presenças e as ausências do Ensino de História nas páginas da Revista, bem como a discussão desta área no interior da ANPUH. Neste sentido, os autores refletem sobre as mudanças internas na Associação e na Revista que estiveram ligadas à definição da área e seus problemas, bem como a tentativa de definição de um perfil dos professores de História no ensino básico.

Em seguida, Luiz Carlos Bento nos apresenta "Saber Histórico, Educação e Neoliberalismo nas Páginas da Revista Brasileira de

História: relatos de uma polêmica". Em seu texto, o autor aborda a polêmica, ocorrida em 1987, em torno do currículo mínimo de História para o Estado de São Paulo, tal qual ela se desenvolveu no interior da ANPUH e nas páginas da RBH. Com isso, posiciona tanto a Associação, quanto a Revista como lugares institucionais importantes na configuração disciplinar e no estabelecimento de uma "memória do Ensino de História" no Brasil.

Finalmente, a quinta parte do livro é composta por três textos dedicados a personagens importantes no contexto da criação da ANPUH e cujas ações e posições afetaram diretamente o surgimento e a trajetória subsequente da RBH. Aryana Costa abre a seção com seu texto "Eurípedes Simões de Paula: para além da herança dos Annales no Brasil", em que apresenta e discute a trajetória de Eurípedes Simões de Paula, catedrático de História da Civilização Antiga e Medieval na USP, e que teve papel destacado para a configuração da ANPUH e para a definição do campo no país nas décadas imediatamente anteriores à criação da RBH.

Em seguida, Daiane Machado discute "O "Papel" de Cecília Westphalen na ANPUH (1961-1981)". No texto, a autora se debruça sobre a trajetória intelectual de Cecília Maria Westphalen e sua relação com a ANPUH, focando mais especificamente na configuração institucional e política da Associação em meio às disputas pelas quais passavam a área no período. Nestas disputas, estava em jogo as definições do que deveria ser a escrita da história e o historiador profissional no Brasil, questões centrais nas décadas de consolidação do modelo de historiografia profissional como historiografia universitária.

Por fim, em "Tramas e Associação e Revista: a atuação de Alice Piffer Canabrava na APUH/ANPUH e nos primeiros tempos da RBH", Otávio Erberelli Júnior investiga a participação de Alice Piffer Canabrava na criação da Revista e o seu papel na redefinição dos rumos da ANPUH na virada dos anos 1970 para os anos 1980. Seu texto nos traz elementos importantes para compreendermos a dinâmica da disciplina por meio da perspectiva de uma personagem cuja trajetória é inseparável da consolidação da historiografia

universitária como o centro e o padrão daquilo que conhecemos como a "historiografia profissional" no Brasil.

Assim, convidamos a todes, todas e todos a ler os textos que se seguem e a reiterar, neste esforço de comemoração, mas também de crítica e de entendimento do nosso tempo, do nosso ofício e da escrita da história em um país, que atualmente, atravessa uma das páginas mais perversas de sua construção como nação e sociedade, a importância da pesquisa cientificamente orientada e das revistas científicas para a produção e circulação do conhecimento histórico. Destas, a RBH tem sido um dos melhores exemplos de nossa área, e tem feito parte do enfrentamento coletivo aos negacionismos e aos falsários, cujas mentiras e campanhas de desinformação alimentam seus projetos autoritários de sociedade. Portanto, comemorar os 40 anos da RBH ganha esta dimensão de luta e de coragem, defendendo os princípios que tornam possível o debate construtivo e orientado à produção de um conhecimento histórico sério, rigoroso, plural e consciente dos nossos limites passados e presentes, debate que é fundamental para a construção e manutenção de uma cultura política democrática, diversa e capaz de resistir aos fascismos e obscurantismos que nos rodeiam. Viva a RBH, viva a ANPUH.

Prof. Dr. Wagner Geminiano dos Santos (SME-PMSJCG)

Prof. Dr. João Rodolfo Munhoz Ohara (UFRJ)